

# A formação político-cultural do Brasil: excertos do pensamento de Sergio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre

Antonio Charles Santiago Almeida\*

---

## Resumo

A discussão apresentada caracteriza-se como instrumento de análise política e cultural de dois grandes autores brasileiros, a saber, Sergio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre nas respectivas obras: Raízes do Brasil e Casa Grande-&-Senzala. Intenta-se, no primeiro momento, compreender a discussão sociológica que atravessou a cultura política na “formação” do país à luz de Sergio Buarque de Holanda. E, no segundo momento, busca-se circunscrever a formação político-cultural do Brasil por meio de conceitos atinados por Gilberto Freyre.

**Palavras-chave:** sociabilidade; cultura; política.

## Abstract

The discussion presented is characterized as an instrument of political and cultural analysis of two large Brazilian authors, namely, Sergio Buarque de Holanda and Gilberto Freyre in their works: Roots of Brazil and Casa Grande-&-Senzala. It seeks for the first time, understand the sociological discussion that crossed the political culture in "training" of the country in light of Sergio Buarque de Holanda. And the second time, we seek to circumscribe the political-cultural formation of Brazil through concepts guessed by Gilberto Freyre.

**Keywords:** sociability; culture; politics.

---

\* Professor Assistente da disciplina Sociologia e Ciência Política da Universidade Estadual do Paraná – UEPR. E-mail: sandiabo@yahoo.com.br

## Considerações iniciais

O debate sobre a realidade política e cultural na “formação” do país perpassa a discussão linear de sociologia que, segundo Gilberto Freyre (1945), não pode ser observado de forma simplória e sem a fixação de limites e a separação do que é sociologia da vaga difusão social. Ou seja, a dinâmica da formação brasileira implica a compreensão dialética das realidades culturais e políticas.

Para tanto, é preciso que se tenha uma noção geral da sociabilidade cultural e política a partir de pensadores que debruçaram sobre o tema e conseguiram, não só dicotomizar a relação entre teoria e realidade histórica brasileira, para assim perceber a formação de um povo que traz no seu bojo a miscigenação racial e cultural, mas também, delinear os espaços de conhecimento e praticidade do povo brasileiro em seu processo de formação.

Entretanto, é preciso que se observe a construção teórica do binômio – formação/desenvolvimento do Brasil para assim compreender a relação do público e do privado, bem como a visão dual – tradicional/moderno e por fim, a gênese do pensamento social brasileiro.

Contudo, faz-se necessário uma abordagem analítica da imbricação da teoria com a realidade histórica para assim compreender o pensamento social e político de Sérgio Buarque de Holanda. No entanto, não se tem a pretensão de condená-lo ou absolvê-lo das críticas que se originam dos equívocos de leituras do conceito de “homem cordial” e suas contribuições para a compreensão da realidade brasileira, pois, *Raízes do Brasil*, ainda é um dos pilares para compreensão da historiografia social de um país em “formação”.

Outro teórico de grande notoriedade para compreender a realidade brasileira é, sem dúvida, Florestan Fernandes, pois o mesmo dedicou-se a um novo estilo de pensamento que não se deixa engendrar pelo discurso dominante e conservador, a ponto de afirmar que sua sociologia pauta-se, também, na experiência cotidiana de um menino que aprendeu cedo com as lições da vida extra-escolar. Uma espécie de retrato da realidade socio-política de Brasil contraditório e excludente. Ainda que não seja pretensão da discussão, ora desenvolvida, tocar na elaboração teórica de Florestan Fernandes, cabe salientar sua importância no cenário historiográfico da

realidade brasileira, bem como na formação de uma nova geração de pensadores.

A discussão que se seguirá é oriunda de dois grandes teóricos que deram conta da realidade social brasileira, com seus limites teóricos, a partir das experiências teóricas e políticas de um povo em formação, dentre os quais se destacam Sérgio Buarque de Holanda (1984) e Gilberto Freyre (1999).

## **Sociabilidade e cultura**

A obra *Raízes do Brasil* (1984), marca a década de 30 no que concerne à formação da identidade brasileira. Publicada em 1936, o autor, Sergio Buarque de Holanda, propõe severas críticas a formação oligárquica do país a partir de reflexões sociológicas pautadas na metodologia weberiana. Não apenas Sergio Buarque de Holanda, mas, juntamente com Caio Prado Junior e Gilberto Freyre marcaram a década de 30 no que tange a formação da identidade brasileira do ponto de vista da elaboração teórica. A chamada tríade do pensamento de 30, formada pelos pensadores mencionados, dedicou-se a compreender a formação e desenvolvimento da sociedade de um país em “formação”, bem como marcaram a história do pensamento social e econômico do Brasil, a ponto de tornarem-se referências capitais para historiografia oficial deste período.

Sergio Buarque de Holanda (1984) propõe uma análise, a partir de Marx, capaz de compreender as estruturas sociais e econômicas da metrópole com as instituições que se concentraram no Brasil. As observações feitas por ele apontam para transformação da sociedade e ainda denunciam a estrutura retrógrada do país que se organizara nos moldes do conservadorismo sustentado pelas elites que pouco se importaram com a população excluída e marginal da sociedade brasileira. Suas reflexões possibilitam uma reestruturação do conceito de democracia e o alargamento da participação popular, no sentido de dirimir as distâncias entre a elite e o povo, bem como o Estado e os interesses coletivos.

Além de outras coisas, Holanda cunhou críticas ao liberalismo e propôs uma maior participação das massas no processo político como forma de expansão da democracia e o fortalecimento da mesma, numa perspectiva de romper com a tradição colonial. Porém, semelhante a todo

e qualquer pensador, o autor também recebera e ainda recebe severas críticas devido à construção teórica do que denominou de “homem cordial”. É patente observar que a proposta dessa tipologia de homem é, no fundo, uma tentativa de formular um arquétipo do povo brasileiro. E, por isso, recorre à metáfora do homem cordial para ilustração e desenvolvimento de sua teoria denominada de cordialidade brasileira.

É premente uma compreensão bastante ampla do conceito em análise, a saber, “homem cordial”, para que se perceba a intencionalidade que se dissimula nas entrelinhas da cordialidade do povo brasileiro. Ou seja, é possível uma percepção diferenciada no que diz respeito à reflexão do autor, pois ele se apropria da tragédia de Sófocles para desenvolver suas análises e, para tanto, usa a figura de Antígona que, dentre outras interpretações, figura-se como rebelde e contestadora, pois subverte a ordem do Estado e da lei – representados pelas vontades de Creonte.

Além disso, a discussão permite um repensar da singularidade do indivíduo e sua relação circunstancial, pois o autor nos exorta a respeito do homem que, lançado no mundo, tem a possibilidade de transformá-lo, quer dizer, é possível que o indivíduo cordial seja também o homem que assume a sua circunstância e não se deixa apreender ou abater pelas necessidades materiais e ideais de seu momento histórico.

Faz-se necessário, para o bom entendimento do proposto, uma observação da realidade histórica em que se produz a discussão da cordialidade, pois Sergio Buarque de Holanda se deixa conduzir, também, pela realidade histórica, bem como pela necessidade momentânea de repensar o homem e seu espaço circunstancial. Como bem assevera: “No ‘homem cordial’, a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência” (1984, p. 138. Grifo do autor). Aqui é perceptível uma provocação e conclamação para uma tomada de consciência singular e individual, pois na continuação da assertiva o autor faz uma equivalência entre o brasileiro e o bom americano.<sup>1</sup>

Nesse sentido, a compreensão do “homem cordial” é quase sempre, seja de direita ou esquerda, uma natureza estigmatizada de brasilidade,

---

<sup>1</sup> Cabendo uma relação com Alex de Tocqueville no que diz respeito ao bom americano. Uma vez que se aproxima a relação entre o homem cordial e o americano apresentado por Tocqueville.

ou seja, o brasileiro é passivo, bondoso e amável – uma espécie de animal de rebanho.

Muito embora a reflexão de Sérgio Buarque de Holanda perpassa a compreensão supracitada, isto é, de animal de rebanho, para o autor a ideia é muito mais complexa e abrangente e, por isso envolve todo um contexto histórico e social no qual ele se encontrava inserido. Basta citar que os dois primeiros capítulos da obra em questão foram produzidos na Alemanha onde o autor se encontrava e, possivelmente, recebera influência de Simmel e Dilthey, autores bastante estudados na época que acabaram influenciando uma geração de pensadores do momento.

No conjunto da obra destaca-se o capítulo cinco, isto é, talvez, segundo alguns estudiosos do pensamento social brasileiro, o mais importante no que concerne à tipologia de homem brasileiro e sua circunstância dialética, a saber, mundo tradicional e o moderno, rural e urbano. E de forma bastante especial a questão do conceito, a saber, “homem cordial”. O foco da discussão, ora apresentada, circunscreve a necessidade de retomar a discussão conceitual fora dos ditames revolucionários ou conservadores.

Sergio Buarque consegue fazer uso de dois grandes teóricos do pensamento sociológico clássico. De um lado, recorre, ainda que de forma tímida, às categorias marxistas, sobretudo à noção de materialismo dialético. Isto é, observa as contradições e as aponta como condição de atraso e dominação do povo brasileiro. Por outro lado, recorre a Weber para estruturar o ensaio metodológico de análise histórico-cultural que se denomina de *Raízes do Brasil*.

Ainda com relação ao “homem cordial”, este é o sujeito de família, hospitaleiro e generoso para com o “outro”. Uma espécie de aprendiz de sobrevivente em um país marcado pela contradição, desigualdade e injustiça social. Dessa forma, um sujeito que se pode denominar, à luz da teoria orteguiana,<sup>2</sup> de homem-massa. Uma discussão muito parecida se desenvolve na obra *A Rebelião das Massas*, de José Ortega y Gasset (1987). Ali, o filósofo desenvolve uma concepção que diferencia dois tipos de homem: o homem-massa e o homem-minoria, e que poderiam servir muito bem para enriquecer as discussões que se travam em torno

---

<sup>2</sup> O filósofo Ortega y Gasset, autor de vários textos de filosofia, destaca-se no cenário latino americano, de forma especial no Brasil, devido ao fato de “cunhar” o conceito de “homem-massa”. Este, sujeito despossuído de singularidade, é uma espécie de homem genérico que pouco se importa com sua circunstância histórica. Uma espécie de animal de rebanho.

do ‘homem cordial’. Isso porque é visivelmente possível promover uma relação, no que concerne à questão tipológica, entre Ortega y Gasset e Sergio Buarque de Holanda. Para tanto, há em ambos os autores uma dinâmica do ponto de vista da compreensão conceitual.

Isso porque, numa primeira definição, o homem cordial, segundo Sergio Buarque de Holanda, não suportaria os desafios que a sociedade reclama e não se importa em romper com a situação em que se encontra. Por isso, tudo é de bom grado e perfeito para um homem que é, acima de tudo, cordial para com as diferenças, as complexidades e as ideias de uma sociedade patriarcal, conservadora e oligárquica.

Numa segunda leitura, tomando ainda o capítulo cinco de *Raízes do Brasil*, pode objetar que o homem brasileiro, refém de uma cultura conservadora e ultrapassada, pode suplantar as condições em que se encontra e possibilitar mudanças na estrutura de um Brasil atrasado. Para isso, na perspectiva do autor, faz-se premente que o brasileiro, com toda sua cordialidade, ultrapasse as condições em que se encontra e promova uma tomada de consciência histórica. Nesse sentido, respeitando o momento histórico em que se encontrava o autor, pode-se tranquilamente articular novas formas de interpretar o conceito de “cordialidade” fora dos liames estereotipados.

Decerto que o debate será sempre intenso no que tange ao conceito de “cordialidade”. A riqueza do texto, *Raízes do Brasil*, não pode se pensado a partir de uma interpretação exclusivista, mas antes de tudo, é preciso que se considere o momento histórico e com quem Sergio Buarque de Holanda dialoga para pensar e compreender a realidade brasileira.

Na mesma esteira, no que diz respeito à investigação sobre a sociabilidade e a cultura do povo brasileiro, encontra-se a obra de Gilberto Freyre (1973), *Casa-Grande & Senzala*. Esta assinala um novo período de compreensão da sociedade brasileira, por meio do cotidiano e, conseqüentemente, do senhoril no Brasil colônia.

A metáfora da Casa-Grande configura-se enquanto espaço de um país em desenvolvimento, mas com diversos problemas sociais, políticos e até econômicos, pois a atividade preponderante e que impulsiona o autor durante as reflexões desse novo espaço de análise é justamente a monocultura da cana-de-açúcar. Ademais, de posse da análise de um Brasil agrário, a reflexão de Gilberto Freyre resulta na apresentação de uma sociedade patriarcal, escravista e mestiça.

A discussão ora ensejada remete-nos à compreensão histórica e cultural do processo de colonização, como também, segundo o autor, à importância desse processo para o desenvolvimento de nosso país no que diz respeito à miscigenação entre brancos, índios e negros. Cabe apontar aqui a influência de Franz Boas no que concerne à ideia de Raça e Cultura – uma vez que no prefácio da primeira edição da obra *Casa Grande & Senzala*, Gilberto Freyre faz referências ao antropólogo Franz Boas e recorda o processo de aprendizado que teve com o autor das mais variadas reflexões de *Raça e Cultura*.

Não significa que há um consenso entre os teóricos da antropologia no que diz respeito à colonização esboçada pelo autor de *Casa-Grande & Senzala*, pelo contrário, muitos são os pensadores que tomam a discussão do autor como defesa da colonização, bem como, a escamoteação da escravidão por meio do mito do “bom senhor”.

É premente que há deslizes na elaboração teórica de Gilberto Freyre no que tange à narrativa de uma sociedade harmônica entre senhores bondosos e escravos submissos e que, também, a estilística narrativa<sup>3</sup> contribui para uma visão ingênua do processo de colonização. Porém, é infundada qualquer tentativa de acusação no que concerne à ideia de um teórico que montou, de forma sistemática, uma estrutura para legitimar a escravidão ou mesmo negar as contradições de exploradores e explorados. E que sua obra capital tenha exclusivamente o papel de empalmar as contradições sociais e políticas de um período histórico.

Por tudo isso, a obra carece de um olhar mais profundo e penetrante, para que não se cometam injustiças contra o autor e relegue a importância histórica e cultural de um clássico que, dentre outras coisas, nos possibilita compreender a importância da miscigenação na formação de um país.

Em face desse pressuposto, no que diz respeito à democracia racial, é bastante significativa a observação que faz o autor de *Casa-Grande & Senzala*, pois mesmo com toda crítica a sua literatura, há um caráter inovador de observar a importância da mestiçagem no processo de desenvolvimento do país, basta dizer que a interpretação dos fatos passa por uma questão que o autor considera positiva, pois a visão do conflito escravocrata era muito perigosa e negativa.

---

3 “Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado” (Freire, 2004, p. 367). Observa-se uma forma específica de narrativa que contempla o positivismo acadêmico, quer dizer, o estilo de Freyre ultrapassa os limites da academia e propõe uma narrativa mais livre e poética.

É bom lembrar que o contexto em que se encontrava Gilberto Freyre, bem como seu patrimônio cultural, possibilita uma percepção diferenciada dos demais teóricos, quer dizer, a postura política e sua compreensão de mundo são bastante complexas. O que não significa um elitismo, pelo contrário, como fora dito anteriormente, há um discurso conciliador, uma estilística inovadora nada acadêmica, mas que não se pode, por conta disso, tomar o conjunto da obra de forma racista e elitista.

## **Considerações finais**

Debruçar sobre os clássicos do pensamento brasileiro é uma tarefa prazerosa e rica, pois os teóricos que emolduram a construção da literatura e do pensamento sócio-político garantiram a visão para os homens de hoje e dos que virão – a trajetória política e cultural de um país em “formação” e “desenvolvimento”.

Para tanto, o tema não se esgota e por isso, a cada leitura, a cada percepção e a cada possibilidade de compreender os fascínios que envolveram nossos pensadores, haverá uma interpretação diferenciada e dinâmica de um país que traz em seu bojo a mistura racial e social que, longe de uma interpretação preconceituosa e racista, proporciona um Brasil de exclusão, de miséria social, mas também de um Brasil que se esforça para diminuir as distâncias sociais e agregar seus filhos e filhas numa pátria livre e igual por meio de pensadores como Florestan Fernandes, Antonio Candido e tantos outros.

E de forma muito especial, encontra-se Florestan Fernandes, que acentuou sua sociologia a partir da própria experiência, ainda criança, nas ruas como vendedor e comerciante. Uma sociologia marcada pela experiência de um país que lança a cada dia crianças e jovens sem oportunidades, mas que insiste no jargão de que o Brasil cresce e desenvolve como nenhum outro país do mundo.

Debruçar sobre tais temas é um privilégio para poucos, uma vez que a nossa literatura, a nossa sociologia, a nossa política e filosofia são povoadas pelo discurso de uma educação fadada ao fracasso e que desconhece os clássicos e sua importância para compreender a formação de um país. Uma educação que insiste em reproduzir o conhecimento e sustentar o discurso dominante. Uma espécie de pensamento pensado. A nossa escola, de jargão – escola nova, pautada em uma literatura

descartável, de pensamento fragmentado emoldura, nas bibliotecas, os clássicos em detrimento das cópias xerografadas, da internet, etc.

Por tudo isso, faz-se premente insistir na leitura de nossos clássicos e sua influência no processo de formação e desenvolvimento do Brasil, pois numa sociedade em que a noção de universidade se faz por meio de sua relação com o conhecimento colonizado, urge, contra essa visão linear que não atravessa o debate do conhecimento, pensar a realidade histórica de um país e seu povo a partir de suas realidades, sofrimentos e alegrias. Decerto que mudanças ocorreram no cenário social e político, entretanto, é preciso um avanço ainda maior, pois numa sociedade que escamoteia suas contradições e acentua o discurso do progresso é farsa para que se aceite um país de igual. E a pergunta que não ofende é sempre a mesma: “igual para quem?”

## Referências bibliográficas

CANDIDO, A. (1987). “O significado de Raízes do Brasil”. In: .....  
HOLANDA, S. B. de. Rio de Janeiro, José Olympio.

FERNANDES, F. (1981). *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FREYRE, G. (1945). *Sociologia: introdução ao estudo dos seus princípios*. Rio de Janeiro, José Olympio.

\_\_\_\_\_ (1973). *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro, José Olympio.

HOLANDA, S. B. de (1984). *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio.

IANNI, O. (org.) (2004). *Florestan Fernandes: sociologia crítica e militante*. São Paulo, Expressão Popular.

ORTEGA Y GASSET, J. (1987). *A Rebelião das Massas*. São Paulo, Martins Fontes.

PRADO Jr., C. (1988). *Evolução Política no Brasil*. São Paulo, Brasiliense.